



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1886 | Número: 3

---

### Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 3 (1) Jan.-Mar. 1886, p. 5-21

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# ESTUDOS SOBRE O *TURF*

## I

### Origem, desenvolvimento e utilidade das corridas

As corridas de cavallos datam de tempos immemoriaes. E, se não nos é dado prescrutar a sua origem, podemos afoutamente afirmar que já todos os povos da mais remota antiguidade as preconisavam como exercicios os mais efficazes para provar a mestria e coragem dos seus melhores cavalleiros.

Os gregos, os romanos e todos os povos do antigo Oriente, deveram uma grande parte das suas glorias aos esplendores com que sustentavam as luctas hippicas na arena dos seus hippodromos. Os vencedores eram proclamados pelos arautos no meio das mais ruidosas manifestações, e ao som das trombetas recebia o cavalleiro, como premio da sua mestria e denodada coragem, uma corôa de louros e vestidos recamados de preciosas pedrarias; e o cavallo, após uma abundante refeição, era ricamente ajaezado e emplumado pelos proprios magistrados que presidiam ás festas.

Todas estas luctas hippicas, como os jogos equestres que se lhes seguiram — torneios *carrousels* — e que sem duvida marcaram uma outra época não menos gloriosa nos fastos da historia europeia, tinham exclusivamente por fim a instrucção do cavalleiro e muito principalmente do cavalleiro militar. Depois, as corridas miraram um fim muito differente e em certo modo muito mais util, pois foram consideradas como — o unico e mais seguro meio de aperfeçoar as raças cavallares.

Foi debaixo d'este utilissimo ponto de vista — melhora-mento das raças cavallares — que a Inglaterra, que já no se-

culo XI reclamava os fóros de nação civilisada, iniciou a pratica d'este grandioso pensamento.

Desde então as corridas passaram a fazer parte dos costumes nacionaes; todavia não receberam o cunho official senão na primeira metade do seculo XVII, devendo-se a Jacome I a organização da primeira associação hippica e a inauguração dos hippodromos de Newmarket, Croydon e Enfield-chase. Successivamente todos os reis, príncipes, nobres e plebeus, ricos e pobres, concorreram mais ou menos para a prosperidade das suas associações hippicas, e taes resultados obtiveram que com justissima razão fizeram a admiração d'aquelles tempos.

Foi n'esta época que se lançaram os germens da famosa raça *thorough-bred*, puro-sangue, que floresceu no seculo XVIII, e cujos descendentes passaram á historia como verdadeiros heroes do *turf*. De toda esta illustre phalange équina os seus mais notaveis reproductores foram — Byerley, turco, importado em 1689 — Darley, arabe, em 1712, e Godolphin, berberico, em 1730: e os mais distinctos descendentes « verdadeiros raios de velocidade » Childer e Eclipse, que nasceram, o primeiro em 1715, e o segundo em 1764.

Progressivamente as corridas de cavallos, tendendo a desenvolver-se, passaram á França, aonde, apesar de já serem conhecidas, não tinham comtudo a importancia que adquiriram depois das celebres luctas de Sablons e Fontainebleau, nos annos de 1776 e 1777. N'estas ultimas disputaram-se premios de grande valor a que concorreram para cima de quarenta cavallos e quarenta burros!

A installação official das corridas no sólo francez data, todavia, de 1805, continuando com mais ou menos regularidade até 1833, época em que, sendo altamente patrocinadas por Luiz Philippe, se desenvolveram por todo o paiz com uma rapidez verdadeiramente assombrosa. N'uma palavra, o nivelamento das duas raças franceza e ingleza — unico ponto de mira d'esta brilhante época do *turf* francez — foi magistralmente attingido, e o seu cavallo elevado á altura de se bater com os mais afamados corredores inglezes.

Foi pouco mais ou menos por este tempo, e em idênticas circumstancias, que o furor do *turf* se espalhou por toda a parte, chegando finalmente á península iberica ha coisa de 25 annos. Foi Gibraltar quem primeiro deu o exemplo, seguindo-se-lhe Malaga, Evora e Sevilha.

No resto da península eram as corridas ainda desconheci-

das ou desusadas. Em Portugal, por exemplo, nunca mais se repetiram depois das esplêndidas festas de Évora, em 1860: e, se alguma camisola de jockey existia, era na colónia inglesa do Porto, que de tempos a tempos se exhibia, quer nos plainos de Mathosinhos, quer nos campos que marginam o rio Leça.

Era este o estado do *turf* peninsular quando Sevilha e Jerez, reconhecendo a necessidade de dar uma nova feição às corridas, que até então se consideravam como simples passatempo, estabeleceram definitivamente as luctas híppicas — como meio de apurar as suas raças cavallares — e apesar da guerra que se lhes declarou, a victoria redundou em favor d'aquelles valentes campeões, e com tantas vantagens que a florescencia das raças andaluzas foi a consequencia d'este feliz commettimento.

Ao passo que na Andaluzia se empregavam já todos os esforços para levantar as raças a um certo grau de aperfeiçoamento, nós, que somos fatalmente compellidos a marchar no couce das nações civilisadas, abandonavamos completamente o cavallo, e deixavamos que as raças portuguezas, que outr'ora tambem tiveram a sua nomeada, se atrophiassem progressivamente.

Infelizmente ainda se passaram assim uns poucos d'annos sem que nos apercebessemos bem dos beneficios que as corridas trouxeram às raças andaluzas, e portanto não seguimos o exemplo da formosa rainha do Guadalquivir, instituindo immediatamente e como ella as corridas com caracter official. E se o dia 28 de abril de 1873 alvoreceu um pouco mais propicio para o *turf* lusitano, é successo que não se deve, nem ao nosso patriotismo, nem á nossa sciencia hippologica, mas... a um puro acaso!

Como geralmente é sabido o Club Equestre, pois assim se denominou a nossa primeira associação híppica, foi instituido a 28 de abril de 1873 por 20 cavalheiros, que, generosamente coadjuvados pelo director tecnico do picadeiro do Collegio dos Nobres, o snr. Antonio de Figueiredo, todas as noites alli se reuniam com o pretexto de cultivarem a equitação. Mas se louvavel foi a ideia que motivou tão uteis quaõ recreativas reuniões, criminosa foi a indifferença que ganhou os iniciadores logo aos primeiros exercicios, a ponto de se desgostarem pela má frequencia e nenhum aproveitamento dos seus associados.

Em vista pois do geral descontentamento decidiu-se, em

assembléa geral de 4 de junho do mesmo anno, que não só se fizessem corridas de cavallos para animar o club cuja dissolução parecia inevitavel, mas que desde logo se procedesse aos trabalhos preparatorios e se nomeasse uma commissão de corridas e um jury, o que deu em resultado ficarem eleitos, para o jury : os snrs. Theodoro Ferreira Pinto Basto, Francisco Fenn, Porphyrio Gaudencio, Augusto Shaw, Eduardo Wanzeller, Frederico Ferreira Pinto e o auctor d'estas linhas que aqui consigna o seu reconhecimento. Ficando a commissão de corridas composta dos snrs. conde de Ficalho, marquez de Bellas, Carlos Relvas, Antonio de Figueiredo, visconde de Mossamedes, Antonio Gualdino Alves e duque de Palmella.

Não podendo porém a commissão de corridas assistir aos primeiros trabalhos delegou os seus poderes n'uma sub-commissão composta dos snrs. Duarte Villa Pouca, Sousa, Figueiredo e Antonio de Castro Guimarães. E tão bem se houveram estes cavalheiros que, dentro em pouco, já se colhiam os louros dos ensaios, que se effectuaram em Cintra e na Gollegã, os quaes, excedendo toda a espectaculariva, mórmente este ultimo pela franca e obsequiosa coadjuvação do snr. Carlos Relvas, foram o incentivo para que o Club Equestre, de modesto que era, se transformasse n'uma associação de character e missão social, tal como devia ser um *Jockey Club*.

De modo que, se o acaso não tivesse brilhantemente favorecido as corridas de Cintra, que foram como que um supremo esforço, um meio de salvação para o Club Equestre que já agonisava, o *Jockey Club* de Lisboa que se levantou sobre aquellas ruinas, e que promettia beneficiar consideravelmente a nossa producção équina, não teria existido ; porque a intolerancia d'uns, a indolencia d'outros e a indifferença do maior numero, tenazmente se opporiam a que vingasse no nosso paiz um tão grande melhoramento.

Aproveitando-se habilmente de tão bello ensejo, e altamente patrocinados por el-rei o senhor D. Luiz e toda a sua augusta familia, os gentlemen portuguezes inauguraram a 29 de junho de 1874, o nosso *turf* com a estreia do pittoresco hippodromo de Belem. Esta festa a que assistiram milhares de espectadores, e em que tomou parte a fina flôr do *sport* nacional, foi realmente esplendida, e, em Portugal, pôde considerar-se um verdadeiro acontecimento !

A partir d'então o Club Equestre, tomando mais appropriadamente a denominação de *Jockey Club* de Lisboa e actualmente de Sociedade Promotora do Apuramento de Raças Ca-

vallares, entrou em via de grandes commettimentos, que achariam franca e fraternal coadjuvação por parte do *Jockey Club* Portuense, se esta associação, que se creou um anno depois, não tivesse sido completamente abandonada.

Hoje as cidades principaes da península como — Sevilha, Cordova, Granada, Malaga, Gibraltar, S. Lucar, Jerez, Cadix, Madrid, Barcelona e Lisboa, organisaram os seus *Jockeys Clubs*, construíram os seus hippodromos e dão regularmente as suas reuniões na primavera, verão e outono de cada anno. A estas reuniões, que progressivamente se tem desenvolvido, graças ao zelo e actividade dos respectivos commissarios, pôdem concorrer com igual direito tanto os cavallos hespanhoes como os portuguezes, e isto devido a uma judiciosa deliberação do Congresso Hippico que, em 1877, se celebrou em Jerez de la Frontera.

Eis aqui como o *turf* que é destinado a correr mundo se installou entre nós. E apesar de gastar mais de 200 annos em percorrer o vasto hippodromo da Europa, desde o seu natural ponto de partida, que foi Newmarket, até á meta do hippodromo de Mathosinhos, veio muito a tempo de produzir a sua acção benefica sobre o futuro das nossas raças cavallares, se entre nós não perder, como nos outros paizes, « o seu caracter e missão social. »

Em França, Inglaterra, Allemanha e Russia, por toda a parte enfim, as corridas são « um pretexto de luxo, de ostentação, de prodigalidade e principalmente de jogo ! » Sejam ellas em Portugal um meio exclusivo de aquilatar a producção équina, e teremos dado uma boa lição de moralidade ás nações que nos precederam.

Como acabei de dizer, a instituição official das nossas corridas conta apenas onze annos de existencia ; mas não obstante tão tardia organisação, o nosso cavallo tem-se aperfeiçoado alguma coisa, e presume-se que n'um futuro que não vem longe será um temível rival do cavallo hespanhol.

Vem a proposito mencionar aqui, e como prova eloquente do que acabo de dizer, que as côres de que usam alguns gentlemen portuguezes, e que na arena distinguem os seus cavallos, não poucas vezes tem sahido vencedoras sobre os hippodromos hespanhoes. O carmezim e verde, o preto e carmezim, o carmezim e boné preto, o azul-ferrete e celeste, mas principalmente o carmezim e verde, que ainda o anno passado se desfraldou como um pendão glorioso sobre o dorso dos cavallos pertencentes ao distincto gentleman conde de

Sobral, e que como valentes campeões se bateram nos hippodromos de Sevilha, Jerez, Cadix, Lisboa, Madrid e Gibraltar, alcançando as principaes victorias, não indicarão que o cavallo portuguez começa a hombrear com o cavallo hespanhol?

O famoso Mesleader, a Lebre a Mission, que tantos foram os que correram n'esse anno, batendo facilmente os cavallos hespanhoes nos hippodromos que venho de mencionar, mostram d'alguma fôrma que o sangue do invencivel Eclipse começa já a correr-lhe as veias.

Todavia apesar da transformação por que está passando o cavallo lusitano, o que incontestavelmente se deve aos hippodromos, as corridas não tem podido ainda conquistar as sympathias do geral dos portuguezes, e antes pelo contrario encontram um bom numero de detractores que lhes imputam os peores males!

Em verdade e não obstante as queixas de que as corridas estão sendo victimas, e que recahiriam, talvez, mais acertadamente sobre as respectivas sociedades hippicas, eu não conheço, ainda assim, meio mais facil, nem ao mesmo tempo mais proficuo, de apurar as raças cavallares, do que as luctas que tem, mais ou menos accentuadamente, o aspecto de corridas. Todos os outros meios de que poderíamos lançar mão, para se resolver tão difficil problema, são a meu vêr deficientes debaixo de todos os pontos de vista.

As exposições, por exemplo, dar-nos-hiam os mais esplendurosos resultados, se os individuos, que se destinam a formar ou melhorar uma raça, fossem escolhidos *só pela apparencia*; porque então uma boa conformação e uma bonita côr de pellame decidiriam do caso. Mas como ordinariamente « as pelles de leão encobrem corações de vacca », a configuração exterior nem sempre indica as qualidades d'um animal. Os reproductores, assim escolhidos, poderiam ter magnificos aprumos, pêllos de setim, fôrmas graciosas, emfim, poderiam possuir todas as qualidades que tornam um animal distincto exteriormente, e entretanto faltar-lhes o principal, que se não vê, e muito menos se avalia sem uma prova rude e real.

A vida, a coragem, as forças musculares, as carnes de marfim e as articulações d'aço, qualidades que o cavallo deve reunir no mais alto grau, por isso que não é um animal simplesmente de luxo, mas destinado a prestar-nos os mais valiosos serviços, não transparecem ao olho mais perspicaz e só as pôde provar a meta d'um hippodromo.

Pois o cavallo esgalgado, esqueleto ambulante, como iro-

nicamente lhe chamam, mas que vence todos os seus rivaes n'uma, duas, tres e mais corridas, emfim que alcança a méta deixando-os a todos distanciados, sem que lhe estale uma só fibra, não nos dará mais solidas garantias — como reproductor — do que aquelle que, sendo premiado nas exposições nunca se bateu na arena dos hippodromos? Certamente que sim; porque, para o fazer, precisa empregar esforços desesperados de que não sahem impunemente victoriosos senão os animaes dotados de uma natureza privilegiada. Aquelles que apesar das suas bellas fórmas esculpturaes nunca lograram ser vencedores, ou porque não puderam, ou porque se arruinaram durante a carreira, poderão ainda ser optimos cavallos de serviço, mas jámais bons reproductores, por isso que lhes faltam as forças, a velocidade, a resistencia ás fadigas e o *fundo* — qualidades que não deixam de transmittir-se por via da geração.

Os arabes, e em geral todos os crentes no Alcorão, e que ninguem melhor do que elles nos poderia ensinar a sciencia de apurar e perpetuar as suas raças cavallares, não admittem que os seus ardentes corceis sejam destinados á padreação, sem que primeiro passem pelas provas as mais rudes.

No deserto, em que as guerras, as *razzias* e as aventuras, constituem a vida habitual do nomada, não é raro encontrar cavalleiros que submettam os seus cavallos a provas verdadeiramente assombrosas. Alguns ha que partem das suas tendas e apeiam, 24 horas depois, do seu infatigavel e inseparavel companheiro, não sem terem percorrido, n'esta especie de locomotiva animada, distancias de 60, 70 e 80 leguas!

São prodigios de velocidade e de um *fundo* inesgotavel que só os cavallos arabes são capazes de aguentar, mas em que poderemos acreditar, attendendo a que as provas usuaes, por que os crentes fazem passar os seus corceis, são corridas de dez leguas cuja méta é ordinariamente um lago ou o mar em que o cavallo entra até aos peitos e assim se conserva alguns momentos ainda mesmo que esteja alagado em suor! E é por isso que os bons cavallos d'aquellas regiões podem facilmente vencer, segundo affirmam opiniões auctorisadas, distancias de 25 a 30 leguas durante dias consecutivos, e sem a menor ruina para o seu bello organismo.

Eis aqui como os filhos do Deserto tiram a prova real aos cavallos que destinam a perpetuar um dos ramos mais distinctos das suas familias équinas, se porventura a sua natureza privilegiada os tira sãos e salvos de tão rudes carreiras. Este

ramo a que dão o nome de *koklani*, ou puro-sangue, é citado em todo o Oriente como typo da especie, principalmente o *koklani* da Syria e do Nedjd.

Pelo que respeita ao cavallo inglez, cuja denominação de *thorough-bred*, puro-sangue, é mais convencional que verdadeira, devendo quando muito indicar as aptidões moraes dos individuos e nunca a pureza da sua raça, por isso que no seu aperfeiçoamento cooperaram cavallos de diferente sangue oriental, tambem foi apurado, não por tão rudes processos como acabo de referir, mas por meio de uma forte alimentação, boa hygiene, perseverante gymnastica de carreiras longas, e por uma série de cruzamentos successivos e em que figuraram como reproductores cavallos arabes, turcos e africanos, pela maior parte vencedores nas luctas do antigo *turf*.

Por toda a parte, no Oriente, no Sabará, na Inglaterra, as corridas foram e serão sempre o grande meio de apurar a produção équina, como os cavallos de que estes povos ainda hoje conservam o monopolio — os typos regeneradores por excellencia de todas as raças cavallares do globo.

Se o cavallo inglez, *thorough-bred*, desceu um pouco do pedestal de perfeição a que o elevaram os *turfmen* d'outros tempos, se a sua compleição enfranqueceu pela multidão das corridas curtas, é ainda assim o melhor e o mais digno representante do cavallo oriental, porque ainda que em menor grau do que este, conserva comtudo um conjunto de preciosissimas qualidades.

Diz-se geralmente que o cavallo arabe, uma vez fóra do seu paiz natal em que a aridez do clima o favorece, é, como cavallo corredor, muito inferior ao cavallo inglez, que affirmam ser, não só mais veloz em corridas curtas, mas mais aturador em corridas longas. Em compensação o cavallo arabe de raça fina é por todos considerado, não só como typo da especie, mas como cavallo de sella sem rival.

Todavia, apesar das superioridades que estes dois typos apresentam sobre todos os animaes que pertencem á sua especie, e que vivem espalhados por esse mundo, em que as condições climatericas se não oppõe ao rebentar da hervagem que constitue a sua principal e natural alimentação como sêres herbívoros, não puderam ainda estes dois typos cahir, nem um nem outro, nas boas graças do geral dos portuguezes! Cheiram a hippodromo e é o quanto basta para que sejam logo considerados, como todos os corredores, — disformes, artificialmente feitos, não bracejando, difficilimos de *mandar*,

de bôcas duras, — emfim, como incapazes de qualquer serviço que não seja o mister da carreira!

Os factos que quotidianamente se observam incumbem-se de refutar todas estas asserções, a um tempo injustas e mal cabidas, prôvando exuberantemente que, na sua pluralidade, os cavallos d'hippodromo, puro-sangue, ou aquelles que tem uma boa dôse d'este liquido precioso, satisfazem a todas as exigencias da vida, logo que se tirem do mister da carreira, se educuem e alimentem convenientemente. Bem *postos* sobre a pista, são a expressão da velocidade; engatados ao trem, são o *non plus ultra* da elegancia; ensinados em alta escôla, fazem as delicias dos que amam a arte, acordam os indifferentes e maravilham os ignorantes; emfim, empregados como reproductores, dão productos desde o meio-sangue ao puro-sangue, proprios para tudo, e tão agradaveis á vista, como faceis de *mandar*, ainda mesmo sob as finissimas luvas da mais franzia amazona.

Um dos progenitores da raça *thorough-bred*, o famoso Godolphin de que atraz fallei, era um soberbo cavallo de trem antes de ser o invencivel corredor dos hyppodromos. O celebre Partisan, de puro sangue inglez, e que foi adestrado por Mr. Baucher, « o grande poeta equestre, » a ponto de executar as mais bellas difficuldades da equitação transcendente, era um dos favoritos do seu tempo. O proprio Beldemonio, de que me orgulho de ser proprietario, e que todo Portugal conhece de o ter visto, já nos circos olympicos trabalhando em liberdade e em alta escôla, já nas ruas montado por cavalleiros, por amazonas e por crianças, não disputou tambem, e algumas vezes vantajosamente, a méta dos mais importantes hyppodromos da peninsula? E quem ha ahí que o não tenha visto corresponder, serena e soffrivelmente, á vontade de tão differentes cavalleiros e em tão oppostos e variados exercicios?!

É que o Beldemonio, Partisan, Godolphin e tantos outros que se poderiam contar por centenas de milhares, não tiveram a infelicidade de ser mal dirigidos nem tão pouco mal cuidados. E é a estas circumstancias, e ao seu sangue, que os cavallos devem, com rarissimas excepções, o que são e o que valem, e nunca á abundancia ou escassez do seu tecido adiposo, que augmenta ou diminue á vontade do tratador e conforme o modo de viver do animal.

A educação equestre dá ao cavallo uma nova natureza, e, quando bem dirigida, modifica-lhe o character e o temperamen-

to, e harmonisando ao mesmo tempo a antemão e postmão aformoseia-lhe afinal a belleza do conjunto. É por isso que aquelles animaes que a tiveram, tal como deve ser, hão de mostral-o sempre, quer se encontrem sobre a pista, sobre a arena ou na rua.

Se os cavallos de hippodromo são esgalgados e difficeis de *mandar*, se — tem a bôca dura — e movimentos rasteiros, variem-lhe a alimentação e eduquem-nos convenientemente, e desde logo se convencerão que a falta d'um equilibrio conveniente e proporcionado ao serviço do animal é a causa occasional não só da irregularidade das andaduras e movimentos, como tambem das contracções musculares que o tornam pesado á mão do cavalleiro. Não ha cavallos duros de bocca, mas o que ha são mãos ignorantes, que nem sabem dedilhar as rédeas, nem tão pouco que é á harmonia entre as forças e o peso (equilibrio physiologico) que o cavallo deve a sua flexibilidade e a obediencia ás ajudas do cavalleiro. Aprendam a arte de cavalgar e depois me dirão se os cavallos de hippodromo só servem para o hippodromo. É justamente sobre a pista que os cavallos se devem procurar, porque d'alli, ou sahem bons para tudo ou não servem para nada.

Já que veio a proposito fallar no cavallo Beldemonio não me furto á satisfação de abrir um parenthesis, para apertar cordialmente a mão ao meu bom amigo e distincto *gentleman* Carlos Relvas, a quem devo, por uma d'aquellas bizarrrias principescas que lhe são tão peculiares, a posse d'este precioso animal e um dos melhores da sua coudelaria. Que a modestia de s. exc.<sup>a</sup> me releve agradecer-lhe aqui tão distincto offerecimento.

Voltando ao assumpto farei notar que não se deprehenda, todavia, do que atraz disse, que sou um acerrimo defensor do actual systema de corridas, e que o considero como o *non plus ultra* para o aperfeiçãoamento da raça cavallar. Muito longe de lhe prestar tão subida homenagem, o que me proponho e unicamente tenho em vista é mostrar que as corridas seriam ainda hoje o verdadeiro criterio para avaliar as qualidades d'um cavallo, e a unica pedra pàra se aquilatar o seu valor, se, como nos bellos tempos do *turf*, os cavallos se apurassem pelos hippodromos, e os vicios que maculam a reputação d'estas luctas fossem inteiramente desconhecidas aos amadores d'este *sport*. Mas como tudo mudou, e como os hippodromos são uma confortavel e segura casa de batota, em que impunemente se pôde fazer jogo com os jockeys e cavallos á laia

de cartas, as corridas não provam bem « a bondade relativa dos cavallos, mas, sim, a perversidade relativa da presente geração. »

Ora se a estes abusos, que se podem praticar em pleno dia e sobre a propria pista, ajuntarmos outros de não some-nos importancia, e que infelizmente são sancionados pelas respectivas sociedades hippicas, como por exemplo: as corridas de poldros, as corridas de velocidade e os *handicaps* — tres grandes chagas do *turf* actual — as corridas não tem a menor importancia como meio de melhoramento das raças cavallares, e merecem bem a censura que se lhes tem feito.

Todos os abusos que venho de apontar, mas com especialidade as corridas de poldros de um e dois annos, as corridas curtas ou de velocidade, e sobretudo os *handicaps*, deveriam ser estigmatizados e supprimidos por todos os clubs que se prezam de concorrer para o aperfeiçoamento do cavallo; não só porque tem sido a causa principal e evidente da decadencia do cavallo de puro sangue, mas porque, pela continuação e vulgarisação, serão a sua completa ruina.

Mas como, com rarissimas excepções, poucos são os clubs hippicos que se não importem de preferencia com o seu proprio engrandecimento, olvidando completamente, ou quasi completamente, o fim para que foram instituidos, não só toleram mas dão a maxima protecção a estas tres especies de corridas, que, como já ninguem ignora, são aquellas que, pelas suas constantes peripecias e surpresas, maior numero de cavallos e de espectadores chamam aos hippodromos. Se por um lado estas luctas dão effectivamente mais attractivo ás reuniões hippicas, e portanto mais abundantemente locupletam os cofres d'um *Jockey Club*, por outro lado concorrem para a decadencia das raças cavallares, e prestam-se lindamente ao jogo e a traficancias que victimam sempre os não iniciados nos segredos do *turf*.

As corridas de poldros, ainda mesmo que não promovessem a ruina do cavallo, não podem de modo algum provar o merito d'um vencedor, porque em carreiras de tão pequena distancia, como são todas aquellas em que os cavallos de um e dois annos se disputam a primazia, o que chega primeiro á méta nem sempre é o melhor da turma. Poderá ser o mais veloz ou, ainda, o mais bem montado, mas nenhuma d'estas circumstancias indica a sua superioridade, que é exclusivamente dependente d'uma forte constituição, que o poldro não póde ter antes dos quatro ou cinco annos. Além de que, por

melhor e mais promettedora conformação que um cavallo tenha enquanto poldro, os esforços aturados a que o obriga uma preparação prematura, e os que não póde deixar de fazer no dia da lucta, atrophiam-lhe pouco a pouco o seu bello organismo, e, se acaso chega á idade de mostrar o que é e o que vale, está cançado, estropeado, emfim, completamente perdido. Em tão más circumstancias um reproductor só poderá dar productos iguaes a si ou peores ainda se é possível.

Os apologistas das corridas de poldros e um anno adduzem em seu favor que os cavallos *thorough-bred* nascem sempre em principios de fevereiro, e que portanto, cuidadosamente criados e educados como devem ser os cavallos d'hippodromo, estão promptos para entrar nas luctas da seguinte primavera. Acrescentam ainda que, sendo o apuramento das raças cavallares o unico objecto das corridas, a ruina prematura do cavallo ordinario, o que é um mal mas um mal necessario, tem tambem o seu lado util porque redundã não só em favor dos cavallos vigorosos, que se não arruinaram n'estas simples experiencias e que portanto devem ser os preferidos para reproductores, mas tambem em proveito do proprio creador, que lucrará tanto mais, quanto mais cedo realisar a venda dos seus animaes.

Que um creador ou productor tenha toda a vantagem em vender cedo os seus cavallos, convenio; mas que a raça cavallar aproveite com o sacrificio d'alguns dos seus exemplares, n'uma idade tão tenra em que não é possível avaliar o seu verdadeiro merecimento, sobre ser barbaro, acho insensato!

As corridas de velocidade, cuja extensão é quando muito de 1,500<sup>m</sup>, que devem ser percorridos n'um minuto e alguns segundos, não só trazem como as precedentes a ruina do cavallo vigoroso, que poderia, sem inconveniente de maior, supportar fadigas sobre fadigas, e cujos exemplares já rarissimas vezes se encontram, mas tambem mais nada provam que a pericia d'um jockey ou a velocidade d'um cavallo! Mas como para estas luctas se requer um animal tão rapido como o pensamento, embora para mais nada preste do que para espectaculos de momentos, sacrifica-se tudo a esta *preciosa* qualidade — a velocidade — olvidando completamente a solidez de organização!

Com tal intuito *fazem-se* cavallos pernaltos e exageradamente compridos do pescoço, dorso, ante-braços, tibias e quartellas; de canellas curtas; de garupa horisontal e ao nivel das espaldas que são compridas, estreitas e obliquas; configuração

que, se lhes permite cortar mais facilmente o ar pela pouca largura de peitos e abranger maior espaço de terreno a cada batida e projecção de galope, não tem contudo a necessaria solidez para resistir a uma lucta de distancia e sériamente disputada. « É um *tour de force* da sciencia dos inglezes », diz Vallon. Nada mais verdadeiro ! mas o que não impede que um bom cavallo possa facilmente ser batido por um animal sem valor que seja bem montado e pouco carregado, e que teria sido distanciado pelo vencido, se a corrida de velocidade se transformasse n'uma verdadeira corrida de *fundo* ; porque então a victoria redundaria em favor d'aquelle que, sendo menos veloz em mil ou dois mil metros, era mais forte em dez ou doze mil.

Com effeito dando as corridas curtas logar a que se criem de preferencia cavallos mais altos, mais compridos, e por consequente mais velozes, mas muito mais franzinos e debeis, deveriam ser substituidas por luctas mais longas, de trote, de saltos, que tem sobre aquellas, segundo penso, a vantagem de fornecerem cavallos mais baixos e mais curtos é verdade, mas mais sobrios, mais rusticos e mais vigorosos e tão apropriados aos hippodromos como aos differentes usos da vida.

Em Alger, Constantina e Oran, emfim, em quasi todos os paizes da Africa septentrional é costume fazerem-se annualmente e nos mezes do outono brilhantes corridas de cavallos, cuja extensão varia, segundo as localidades, entre 20 e 30 kilometros. N'estas corridas, que, segundo me affirmam, são feitas n'um dado tempo, quando muito cinco quartos d'hora, são admittidos cavallos e éguas de todas as raças e procedencias, comtanto que tenham para cima de cinco annos e sejam inteiros. Igualmente me affirmam que os resultados tem sido os mais satisfactorios, e que é sempre grande o enthusiasmo de todos aquelles que as presenciavam.

Se entre nós se ensaiassem, já não digo luctas tão extraordinarias como estas, mas emfim verdadeiras luctas de *fundo*, em que a média das distancias fosse o dobro, o triplo ou mesmo o quadruplo das nossas actuaes corridas, para cavallos nunca menos de quatro annos feitos, é possivel que as nossas raças progredissem n'um verdadeiro aperfeçoamento. Mas quando os resultados praticos não correspondessem completamente aos que, em theoria, eu antevejo, não seriam desastrosos ; e o que com certeza davam era mais atractivo e mais animação ás nossas tristes reuniões hippicas, e não offereriam aos jockeys tanto ensejo de se divertirem com o publico, mór-

mente se o uso do chronometro fosse rigorosamente observado.

Não se daria o caso d'uma intervenção da Sociedade Protectora dos Animaes? quem sabe? Mas como quer que seja, o facto é que trariam bem mais a lume as organizações privilegiadas do que essas corridas de velocidade, em que não poucas vezes temos visto cavallos de somenos importancia hombrar valentemente com aquelles que lhes são superiores.

Chegamos finalmente ao ponto de avaliarmos a importancia das corridas que em linguagem do *turf* se denominam *handicaps*, e que infelizmente estão hoje muito em moda em todos os hippodromos, especialmente nas reuniões outonaes.

Os *handicaps*, como todos sabem, são as luctas hippicas em que podem tomar parte cavallos e éguas de todas as idades, raças e procedencias, desde o melhor ao mais ordinario, e em que os superiores dão partido ao inferiores, igualando-se quanto possivel em força e velocidade, em virtude de uma *judiciosa* distribuição de pesos que lhes é arbitrada por um dos commissarios denominado *handicaper*.

O fim d'um *handicap* é, portanto, a equitativa distribuição de peso sobre um lote de cavallos de differente idade e merecimentos, de fórma que, correndo uns contra os outros, a lucta se estabeleça para todos em iguaes condições.

D'estas pequenas considerações resalta immediatamente que um *handicap* é uma lucta nada criteriosa para os cavallos que n'elle tomam parte, porque, sendo a *chance* igual para todos, tanto póde haver um *dead-heat*, empate, como póde vencer o cavallo mais ordinario, e até ficar distanciado o que tiver maior merecimento. Uma lucta em similhantes condições é impossivel, e o seu resultado, sobre ser casual, é a negação absoluta do fim, para que foram instituidas as corridas.

O seguinte dilemma demonstrará melhor a *alta* importancia do *handicap*, que, por fim de contas, vem a dar n'isto:

De duas uma: ou o *handicap* é bem feito, ou mal feito. No primeiro caso, isto é, quando a distribuição dos pesos é realmente equitativa, e por conseguinte em harmonia com as forças dos cavallos que n'elle tomam parte, todos, bons e maus, tem a mesma probabilidade, não de sahirem vencedores da lucta, mas de passarem a méta perfeitamente emparelhados! É um *dead-heat* de todos os contendores que, se não fosse praticamente impossivel de realisar, dava um resultado nullo, e portanto perfeitamente improficuo. Se esta distribuição é mal feita e a capricho do *handicaper*, como ordinaria-

mente acontece e nem admira, a victoria, que redundo em favor d'aquelle cavallo, que fôr relativamente menos carregado, é uma victoria de acaso, que nem significa a superioridade do animal nem a alta competencia do *handicaper*.

Por qualquer das fórmas por que se encarem estas luctas, e não temos senão duas plausiveis — ou todos os cavallos empata a corrida ou um só sae vencedor — os seus resultados, além de serem perfeitamente casuaes, são verdadeiramente improficuos.

O *handicaper* embora seja homem de subida competencia em materia do *turf*, embora seja dotado d'uma probidade inconcussa, embora tenha os maiores desejos de acertar, vê-se sempre nas maiores difficuldades para avaliar, já não digo á justa, mas aproximadamente, as forças e o merito de cada um dos corredores.

Se os proprietarios, *trainers*, *jockeys*, emfim aquelles que representam e tem a seu cargo os cavallos que se destinam a correr um *handicap*, fossem obrigados a declarar, sob sua responsabilidade, o verdadeiro estado de condição e forças dos seus animaes, a missão do *handicaper* não seria tão ardua, porque ao menos teria uma tal ou qual base em que pudesse assentar a sua opinião: como porém não existe em nenhum código de corridas artigo que a tal obrigue, e que existisse não obstaria que o *handicaper* continuasse a ser illudido, já não digo pelo proprio dono dos cavallos, mas pelos *trainers* e *jockeys*, pois assim lhes é conveniente para levarem menos carregados os seus cavallos, a missão do *handicaper* é difficilima, impossivel mesmo.

Ordinariamente o *handicaper* a quem, em caso algum, deixam de faltar dados positivos para equilibrar aproximadamente as forças de um certo numero de cavallos matriculados n'um *handicap*, decide-se a fazer obra pela sua propria opinião! Mas como sahir-se airoso e conscientemente de tal operação, como avaliar o merito dos diferentes luctadores, se na maior parte dos casos nem de nome os conhece?!

Mas, dando de barato que o *handicaper* adquira um perfeito conhecimento de todos os cavallos a *handicapar*, poderá ainda assim proceder equitativamente, dando a cada um o peso que lhe convém, quando a sciencia ou ignorancia dos *jockeys*, o temperamento, condição e character dos cavallos, o peso, a extensão da corrida, o estado da pista e da atmosphera, modificam sensivelmente, e de um dia para o outro, a *chance* de cada corredor?!

Mas dando ainda de barato que apparecia um homem de sciencia, dotado de todos os conhecimentos necessarios para que nenhuma d'estas particularidades lhe podessem escapar, o que para mim é um mytho e para todos deverá ser um personagem legendario, a sua obra seria não só improficua, mas, sob o ponto de vista para que foram instituidas as corridas, — desastrosissima — pelo inconveniente de perpetuar a raça dos cavallos ordinarios.

Se um cavallo sem importancia real a adquire em virtude do partido que os *handicaps* lhe proporcionam, a ponto de se tornar igual e até superior aos melhores cavallos, não será este animal preferido pela maior parte da gente, por isso que é relativamente barato, não demanda para assim dizer o menor cuidado e pôde, como qualquer outro, ganhar numerosos premios? Certamente que sim: e d'aqui a sua multiplicação e vulgarisação.

Os *handicaps* são livres ou forçados. Livres são aqueles em que os cavallos inscriptos, quando por qualquer circumstancia não chegam a correr, pagam apenas uma parte da matricula, a que, em linguagem do estylo, se chama pagar a desistencia, *forfeit*. Forçados os que obrigam á paga total da inscripção, quer o cavallo corra, quer deixe de correr.

Os *handicaps* são ainda um forte ensejo para o jogo e para todos os abusos que tem livre pratica sobre o *turf*; e francamente não se lhe conhece mais nenhuma outra vantagem, se é que a isto se pôde chamar vantagem, que não seja mostrar a influencia que o peso exerce sobre a velocidade, attrahir maior numero de cavallos pela maior parte ordinarios e infelizes, e por ultimo chamar maior numero de espectadores ávidos das surpresas e peripecias a que estas luctas dão ordinariamente logar.

Segundo penso, os *handicaps* seriam vantajosamente substituidos por corridas de peso fixo e destinadas exclusivamente para os cavallos que, tendo corrido um certo numero de vezes, nunca lograram ser vencedores. Estas corridas deveriam figurar na cabeça dos programmas com uma denominação apropriada, e ter por premios quantias pouco importantes para não dar logar a abusos.

Parece-nos que o dobro ou o triplo da importancia, que constitue o premio de consolação, seria já um premio assás convidativo, e os cavallos infelizes encontrariam assim tambem uma tal ou qual compensação; e sem prejudicarem os ca-

vallos superiores, que por isso mesmo tem jus a ser mais bem remunerados, concorreriam directamente para a sustentação das corridas e indirectamente para o apuramento da sua raça.

Na Hespanha já são poucos os programmas que deixam de apresentar estas corridas a que chamam de animação, mas quanto a mim de bem pouca animação serão sempre emquanto não substituirem completamente os *handicaps*.

Em conclusão direi que os *handicaps* deveriam ser supprimidos e riscados dos programmas d'aquellas sociedades hippicas que se prezam de concorrer para o aperfeiçoamento da raça cavallar, não só porque os seus resultados são negativos e favorecem os abusos; mas porque a não ser por acaso nunca podem ser feitos equitativamente. E, senão, que me digam os seus apaixonados: quando e em que hippodromo se equilibraram as forças d'um lote de cavallos de fôrma que fizessem, já não digo um *dead-heat*, mas uma corrida em que a *chance* fosse ainda igual para todos ao poste de distancia?

Para podermos avaliar as difficuldades de bem *handicapar* bastará dizer que desde que o *turf é turf* só uma unica vez se conseguiu levar á méta perfeitamente emparelhados um grupo de quatro cavallos, empatando primeira, segunda e terceira vez! A quarta prova que foi a decisiva redundou em favor de um d'estes valentes campeões, mas não com tanta vantagem que evitasse os protestos, que todavia não foram por diante em consequencia do desfallecimento em que ficaram os quatro corredores.

Este facto, unico nos annaes do *sport*, deu-se no hippodromo de Newmarket, sendo *handicaper* lord Bellysi, doutor em medicina, o que causa ainda maior admiração.

A *chance* foi dada aos 4 cavallos:

Atsbury, 4 annos, 59 kil.  
Handel, 4 annos, 54  $\frac{1}{2}$  kil.  
Taragon, 4 annos, 56 kil.  
Cedric, 3 annos, 48  $\frac{1}{2}$  kil.

Se não é lenda maravilhosa, como acrescenta o historiador, assiste-me o direito de acreditar que fosse obra do acaso, pois que nunca mais se tornou a repetir.

JOSÉ MARTINS DE QUEIROZ MINOTES.